

A noite e a cidade: uma revisão temática para a geografia

Marcos Paulo Ferreira de Góis
UFF

p. 623-640

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 22 • nº 3 (2018)

ISSN 2179-0892

Como citar este artigo:

GÓIS, M. P.F. A noite e a cidade: uma revisão temática para a geografia. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 22, n. 3, p. 623-640, dez. 2018. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/151544>>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.151544>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

A noite e a cidade: uma revisão temática para a geografia

Resumo

Este artigo apresenta um balanço bibliográfico do debate em torno da noite como uma categoria analítica para a pesquisa na área da Geografia Humana e de ciências correlatas. Damos as principais linhas de estudos sobre a noite em sua relação com a dinâmica urbana, realçando os aspectos centrais das análises dos últimos quarenta anos de pesquisa: os agentes, os processos e as espacialidades derivadas das práticas associadas ao período noturno. O objetivo é apontar algumas tendências e situar problemas do uso da categoria noite em sua relação com o espaço urbano presentes na ideia de fronteira, na noção de transgressão da ordem e nos conflitos relativos ao uso por atividades de lazer.

Palavras-chave: Noite. Cidade. Fronteiras. Balanço bibliográfico. Geografia.

Night and the City: a thematic review for Geography

Abstract

The idea in this article is to present a bibliographical examination of the discussion around the night as an analytical category for research in the area of human geography and related sciences. We present the main lines of studies about the night in relation to urban dynamics, highlighting fundamental features of the analyses produced in the last 40 years of research: agents, processes and spatialities derived from the practices associated with nighttime. The objective is to point out some trends and place some problems related to the use of the category of night in its relationship with the urban space present in the idea of frontier, in the notion of transgression of order and in conflicts related to the use for leisure activities.

Keywords: Night. City. Frontiers. Bibliographical review. Geography.

Introdução

Antes de tudo, é crucial ressaltar uma precaução, pois este artigo não trata de um exame detalhado de pesquisas sobre a noite urbana, mas de um balanço dos principais temas que percorrem a discussão nas Ciências Sociais e sobretudo na Geografia. Em virtude disso, o que se busca criar é um quadro com as principais contribuições ao debate sobre a noite como um tema para a Geografia, a partir de um encadeamento arbitrário no qual orientamos a seleção, o agrupamento e o próprio debate por meio de categorias próprias, criadas com o intuito de oferecer um fio orientador para a sua leitura. É importante reafirmar que essa leitura está afetada pela organização lógica do autor e sofre com as imprecisões e reduções usuais em um trabalho de sistematização. Tentarei ao máximo reduzir as generalizações, respeitando as diferenças inerentes a cada trabalho, ainda que as citações extensas também tenham sido suprimidas no intuito de proporcionar um texto menos cansativo. As críticas se decompõem ao longo dos parágrafos, relativizando as conclusões de outras pesquisas e construindo o caminho para a definição da nossa abordagem.

Devo advertir o leitor que se trata de um temário bastante rico, amplamente discutido nas Ciências Sociais e preenchido de imaginários e de lugares comuns e que, portanto, nos carrega em direção a fortes dicotomias e oposições radicais. As Ciências Sociais e mesmo a Geografia não se livraram totalmente desses enredos, mas construíram objetos científicos originais para pensar a noite e o imaginário associado a ela. Nesse sentido, a vida social e os espaços de sua manifestação tomaram a frente das discussões mais gerais sobre a noite, mesmo quando se trata do passado das cidades. O que se observa é uma variedade bem significativa de pesquisas sobre a noite urbana, especialmente em relação aos símbolos e imaginários construídos socialmente ao longo da história da cidade.

Esse campo vasto para as observações sobre o tema também permite pensarmos em termos conceituais, na própria ideia de noite, na definição de seus limites naturais e na construção de uma ideia de noite como objeto social. Nesse caso se nota que a ideia de noite esteve associada a diversas analogias, impregnada de mitologias e recortada pelos mais diversos interesses sociais. Portanto, trata-se de um objeto construído, ou seja, o equivalente a um fenômeno social pensado como um problema científico, resultado da prática de pesquisa em um campo de interesses sociais mais amplo. Entretanto, aqui não aparece o debate sobre os limites naturais da ideia de noite. O que se vê nesse artigo é a preocupação relativa à definição da noite como um fenômeno social, resultado das diferentes formas de uso e de relação social com o espaço e o tempo. É nessa perspectiva que apresentamos o quadro abaixo.

A ideia de que a noite é uma ruptura em relação ao dia

A ideia de ruptura foi assinalada por diversos autores como Bureau (1997), Palmer (2000), Dewdney (2005), Ekirch (2006) e Koslofsky (2011). Trata-se de uma metáfora tão antiga que pode ser encontrada em relatos cosmográficos gregos, bem como na literatura ocultista medieval, as quais os autores acima fazem menção. De uma forma bem geral, a noite aparece em oposição ao dia, como reino das trevas, da solidão e do medo. Trata-se de um esquema dicotômico, no qual a noite se opõe radicalmente ao dia, ao mesmo tempo em que o complementa, são ideias simétricas, mas são também oposições radicais.

A oposição pode ser vista como parte de uma ideia mais geral na qual evoca-se a noite como um período de transgressão da ordem diurna. A noite aparece, assim, sempre ambígua, como uma ponte entre oportunidades de prazer e possibilidades de desagradados. A própria característica de ser um momento em que a visibilidade é bastante seletiva e relativamente limitada oferece a interpretação da noite como um palco misterioso, onde ações inesperadas ou incomuns podem emergir e subverter moralmente os seus habitantes (Baldwin, 2004).

Essas mitologias aparecem ainda mais significativas quando encontram um lugar para se manifestarem. As cidades foram objeto de grandes enredos noturnos, desde os contos alemães de pacto com o demônio de Goethe, em *Fausto*, ou nos filmes e contos, como em *Nosferatu* e *Jack, o Estripador*, chegando finalmente em histórias em quadrinhos como *Batman* e *Sandman*. Em todas essas narrativas, os personagens principais se isolam às margens da cidade, se escondendo durante o dia e surgindo durante a noite encobertos pela capa de invisibilidade garantida pela escuridão e pelas sombras.

Entre as obras de fantasia e a vida cotidiana na cidade há um intercâmbio de imagens e de imaginários sobre a noite, que reforçam alguns estereótipos e mobilizam um conjunto relativamente grande de ações. Segundo Roger Ekirch (2006), desde a Antiguidade parecem ter sido criados mecanismos de proteção dos bens privados: as casas eram guarnecidas de cercas, de grades e de seguranças contratados para impedir a invasão de estranhos. Da mesma forma, os cidadãos que se arriscavam a sair durante a noite buscavam portar lanternas, fazer passeios curtos e quase sempre em grupo (Kurme, 2009). De alguma maneira, a noite parecia demandar novas estratégias para sair de casa e circular pelos espaços abertos, exigindo, segundo George Herbert, o reconhecimento de que a lei não é a mesma de dia e de noite (Ekirch, 2006, p. 84). Isso significa que os personagens e o controle de seu comportamento precisariam ser repensados à noite (Schivelbusch, 1995).

A ideia de que a noite possibilita o surgimento de um comportamento transgressor parece derivar de uma conclusão: tudo é possível quando não se está visível ao olhar social, ao seu julgamento moral. É o que Williams (2008) aponta ao afirmar que essa relação se estabelece por comparação entre a visibilidade dos atos durante o dia e a relativa invisibilidade das ações durante a noite. É a antecipação às ações transgressivas que parece alimentar os comportamentos de proteção empenhados durante a noite. Gallan e Gibson (2011) destacam essa impressão como uma ótica binária e normativa, que vê a ruptura entre dia e noite a partir da mesma lógica com que poderia ser vista a relação entre sociedade e natureza:

Nossa opinião é que, por muito tempo, as concepções normativas e binárias do dia e da noite permaneceram incontestadas, com conseqüências no modo como imaginamos e vivenciamos o mundo. Enquanto um número significativo, aparentemente “natural”, de binários conceituais tem sido objeto de recorrentes críticas nas últimas décadas – homem/mulher, preto/branco, natureza/cultura, urbano/rural, cultura/economia –, o binário do dia e da noite permanece notadamente intacto. É estranho que esse binário tenha recebido tão pouca atenção – dada a presença constante tanto da noite quanto do dia. Em muitos casos, os elementos mais onipresentes do nosso mundo podem ser negligenciados (Gallan; Gibson, 2011, p. 2509, tradução nossa).

O modelo dicotômico de compreensão da noite tendeu a reforçar mitologias e esquemas morais. Assim, a noite aparece também como um momento possível de perverter a ordem social por meio da prática de comportamentos encarados como moralmente perigosos. Muitas das histórias do passado foram recontadas tendo em conta essa divisão entre aqueles que se dedicavam aos crimes ou às festas noturnas e os outros que preferiam o recolhimento, muitas vezes como mecanismo de proteção. Neste sentido, a ideia de noite ainda conserva o seu caráter de ruptura em relação ao dia, de espaço contestatório, como, por exemplo, em Cresswell (1998). A noite adquire, assim, o papel que normalmente é dado na Geografia ao conceito de lugar ou à escala local, como espaço contestatório de movimentos hegemônicos em escala global. Nesse sentido, podemos dizer que se trata de um imaginário geográfico sobre dados lugares durante certos momentos do dia.

Antes de prosseguir, é importante notar que a dissociação entre dia e noite foi explorada na Geografia a partir da relação entre sociedade e natureza. De certo modo, a noite foi entendida como espaço-tempo dotado de particularidades e uma delas era a de que durante o período noturno os lugares eram habitados pelas forças da natureza, sejam elas animais ou seres híbridos, sejam elas por humanos bestializados ou moralmente degradados, portanto, marginais dentro do arranjo social, empreendedores de uma “terra” sem lei. Assim a noite aparece também como fronteira.

A ideia de que a noite é a última fronteira

Em 1978, Murray Melbin apresenta em seu artigo uma hipótese original, na qual busca comparar o processo de expansão da fronteira espacial ocidental – especialmente a fronteira americana – com a expansão das atividades econômicas para o período noturno. Melbin nos indica que tanto as atividades de lazer quanto as atividades de trabalho se expandiram, formando uma paisagem composta por diversas atividades e por novos personagens (Melbin, 1978, p. 5, e também Gwiazdzinski, 2000, p. 84). As novas atividades e os novos personagens seriam para ele indicadores da semelhança entre fronteiras espaciais e fronteiras do tempo (cotidiano). Assim como a fronteira americana, a fronteira noturna seria caracterizada por um avanço em estágios, do mais insipiente e informal assentamento até as atividades fixas e que marcariam a consolidação da fronteira.

Já em seu livro de 1987, Melbin observa que há semelhanças entre a população noturna e a população pioneira das fronteiras. Para ele, tanto a noite como o oeste americano foram ocupados inicialmente por empreendedores – em sua maioria homens jovens – que aproveitaram a fronteira para obter maiores ganhos e para exercer com maior facilidade um comportamento “fora da norma”. Para Melbin, a noite seria um momento também para as ações de risco, para a aposta em novas possibilidades econômicas, as quais estavam menos disponíveis durante o dia. Esta nova condição também trazia novos desafios para a população das fronteiras, sejam eles físicos (o solo para o plantio nas fronteiras agrícolas ou a noite para o trabalho fabril) ou políticos (administração da ordem, gestão do trabalho e medidas de representação social).

Ainda segundo Melbin, abrir fronteiras implicaria também em se levar adiante medidas de regulação da exploração. No caso da fronteira espacial tentava-se estabelecer os meios de exploração dos recursos do solo; na fronteira temporal uma nova organização do espaço também impulsionava um uso mais bem direcionado do tempo ao longo da noite. A partir de tais iniciativas de organização do tempo e do espaço resultaram conflitos de usos e de interesses no espaço urbano. Haveria um choque entre o comportamento dos usuários da noite e do dia.

A tradução da ideia de ruptura para a metáfora da fronteira é especialmente interessante para a construção de uma dicotomia, mas é ainda mais importante ao criar um elo entre duas existências aparentemente isoladas. Melbin (1987) busca ao longo do seu livro também traçar elementos de continuidade a partir de comportamentos associados à segurança, à confiança e aos acordos sociais estabelecidos, apresentando novas formas de convivência nos espaços públicos durante a noite. De modo geral, trata-se da demonstração de que a metáfora da fronteira, ao mesmo tempo em que reforça as ideias de ruptura e de transgressão, oferece a possibilidade de se pensar a noite como uma oportunidade de reflexão sobre a ordem e a moral na vida em sociedade:

Voltando por um momento a Melbin, apesar de toda a sua romantização da noite como fronteira, ele argumentou que, além de certos limites, a noite se torna um espaço-tempo em que as pessoas podem perder suas inibições e se tornar mais íntimas do que durante o dia – a escuridão como um canal para novas formas de convivência e camaradagem. Esse ponto por si só justifica o ceticismo em relação a argumentos que procuram enquadrar a noite ou desligar as luzes precocemente (Gallan; Gibson, 2011, p. 2514, tradução nossa).

Luc Gwiazdzinski (2005), que tem as mesmas convicções de Thiery Paquot (2000) e de Murray Melbin (1978; 1987), ao pensar a noite como um espaço-tempo conquistado lentamente pela sociedade urbana, afirma que a conquista da noite se deu por meio do aparecimento de um espaço público noturno, fruto da convivência estabelecida entre os cidadãos nas áreas renovadas dos centros das grandes cidades, já em meados do século XIX. Assim, a ocupação da noite parece ter sido uma conquista progressiva, realizada pela criação e a expansão de atividades noturnas como, por exemplo, casas de show, teatros, cinemas, boates, cassinos e discotecas. Além disso, a conquista foi construída espacialmente, dos centros urbanos para as franjas metropolitanas, das grandes cidades para as médias e pequenas áreas urbanas. Cada vez mais cidades incorporam a noite nos calendários festivos, nas rotinas de trabalho e nos projetos urbanos, o que tem ajudado a desconstruir a ideia de ruptura e de fronteira econômica nos relatos sobre a noite urbana. Ainda assim, o caráter disruptivo e transgressor permanece fortemente organizado nos textos dos artigos recentemente escritos por geógrafos e cientistas sociais sensíveis aos aspectos espaciais da noite urbana. Para organizar esse problema, procurou-se estabelecer um ordenamento temático da abordagem sobre a ideia de noite como ruptura (Quadro 1).

Quadro 1 – A noite nas Ciências Sociais

concepção de noite	dimensão teórica espacial	dimensão empírica	áreas correlatas
ocasião na qual um novo regime de visibilidade emerge	espaço físico (palco para planejamento e zoneamento urbanos)	modelos de iluminação do espaço urbano e criação de cenários noturnos	Arquitetura e Urbanismo
período de subversão da ordem e de moralismos	espaço social (lugares de interação social)	compreensão de comportamentos e transgressões	Sociologia e Antropologia
tempo de reivindicação social da cidade	espaço político (locais de copresença e manifestação)	análise de conflitos e de políticas públicas	Ciência Política e História
momento de entretenimento e lazer	espaço econômico (território corporativo e empresarial)	explicação de atividades e funções econômicas das áreas de lazer	Economia e Sociologia

A ideia de que a noite é um cenário iluminado

Melbin e outros autores apontam o papel importante das invenções tecnológicas no processo de conquista do espaço e do tempo e na afirmação de fronteiras. Se no caso das fronteiras americanas – em sua expansão para o Oeste – as ferrovias foram cruciais para o estabelecimento dos assentamentos e para a conexão de todo o país; no caso da fronteira noturna, a iluminação artificial parece ter tido efeito semelhante ao auxiliar no prolongamento das horas de permanência no espaço público e ao cobrir um número maior de áreas que pudesse ser habitado durante a noite.

Nas Ciências Sociais se tornou quase uma unanimidade a afirmação de que a vida noturna urbana foi um incremento possibilitado pela iluminação do espaço público. Maris Kurme (2009, p. 35, tradução nossa), por exemplo, afirma que “com o desenvolvimento da iluminação, a noite tornou-se um objeto de espanto e admiração”. Assim como o próprio Melbin (1978, p. 4, tradução nossa), que sugere que “o uso das horas escuras aumentou depois disso e cresceu ainda mais com a introdução da iluminação elétrica”, Luc Gwiazdzinski (2000, p. 81, tradução nossa) segue um pouco mais adiante ao afirmar que, “na conquista da noite urbana, a generalização da iluminação pública (petróleo, gás, eletricidade) teve um papel fundamental, possibilitando o desenvolvimento de atividades e resultando no surgimento de um espaço noturno público”.

Essas afirmações nos indicam que pelo menos um consenso está bem estabelecido na relação entre iluminação e atividades de lazer durante a noite. Não parece haver dúvida sobre o papel da iluminação na sensação de segurança. Nesse caso, essa sensação não se refere somente à ideia de segurança contra o crime ou contra os seres assombrados, mas sobretudo a uma garantia de segurança em relação ao espaço. Roger Ekirch (2006), por exemplo, fez um trabalho primoroso catalogando algumas dessas histórias de quedas e de perdas de rumo em noites mal iluminadas. Neste caso, a iluminação artificial serviu como uma garantia para a criação de um ambiente agradável para a realização das atividades noturnas e para o deslocamento na cidade.

A iluminação do espaço público em sua perspectiva histórica pode ser vista como um elemento fundador de uma nova experiência urbana noturna. Parece que a partir do final do século XIX, em algumas cidades, se iniciou uma nova experiência com o espaço e com o tempo, especialmente com a noite, reorientando as formas de comportamento da população (McQuire, 2005). O papel da iluminação nesse processo deve ser avaliado em cada caso, mas, ao que tudo indica, houve um deslumbramento em relação às possibilidades abertas pela iluminação dos espaços públicos e das áreas privadas, o que foi bem documentado a partir dos relatos do fim do século XIX sobre as feiras de tecnologia, descritas por McQuire (2005, p. 130, tradução nossa):

Com sua capacidade de automatizar e coordenar uma série de “ações à distância”, a eletrificação acentuou as possibilidades de se orquestrarem mudanças rápidas na iluminação em grandes áreas. Os efeitos de iluminação permitiram que os edifícios fossem representados de forma variada, como uma coleção de detalhes arquitetônicos independentes ou, alternativamente, resumidos a um todo escultural esculpido na escuridão circundante. Além disso, esse processo poderia ser encenado como um espetáculo temporário para uma audiência de massa, que experimentou no espaço exterior uma sucessão de efeitos antes reservados aos espaços interiores do teatro, do panorama ou do diorama. As feiras mundiais mostraram o potencial da iluminação elétrica para estabelecer uma nova retórica do espaço urbano, abrindo caminho para a cidade se transformar num espaço performativo no qual a fixidez das aparências daria lugar a um fluxo crescente.

Aparentemente a iluminação artificial deu aos objetos um sentido de vida novo, reformulando a paisagem urbana e gerando um efeito diferenciado para a cidade. Assim, a iluminação artificial em grandes cidades possui uma diversidade de situações que se colocam para estudo. Os pesquisadores interessados pelo tema, como Bureau (1997), tentaram apresentar uma versão na qual a iluminação da cidade desconstruiu as orientações diurnas, ressaltando elementos especiais e humanizando ainda mais a paisagem. O que é ainda mais fascinante é o fato de que a iluminação nesses casos tenha recebido, desde o início, um papel estético, ou seja, percebeu-se que ela poderia ser um elemento de valorização do gênio humano, de sua história e cultura, uma maneira de celebrar a civilização urbana, rompendo o laço e a dependência em relação à natureza e às luzes projetadas pelos astros.

A ideia de que a noite é um momento para o lazer

Como vimos, as práticas sociais e a iluminação do espaço são algumas das evidências de um processo de rompimento de uma fronteira entre o dia e a noite nas cidades. Segundo Chris Dewdney (2005), a ocupação das cidades por atividades noturnas também pode ser compreendida como uma paulatina absorção da noite pelo interesse social, seja por meio das práticas laborais, seja de acordo com os usos para atividades de lazer. A iluminação artificial permitiu que, de um lado, as horas de trabalho não ficassem limitadas somente ao período de oferta de iluminação natural, ou seja, cria-se a possibilidade de trabalho noturno. Por outro lado, a iluminação dos espaços públicos e o acesso à energia em teatros, salões, cinemas e restaurantes possibilitou também o surgimento de lazeres noturnos.

Devemos salientar, no entanto, que houve diferentes formas de aproveitamento do tempo de não trabalho no passado. O aproveitamento do ócio ao longo do dia, seu desdobramento noturno, os fins de semana, os dias santos, as vilegiaturas, a *siesta*, entre tantas modalidades de jogos e de *hobbies* foram objeto de interesse de muitos pesquisadores e de diversos ensaios, como podemos ver, por exemplo, em Russel, em *O elogio ao ócio*; e em Huizinga, em *Homo ludens*. A intenção é demarcar um tipo específico de lazer associado à vida noturna nas grandes cidades.

Segundo Mont Serrat (2006), na cidade, o ócio foi conquistado aos poucos. Inicialmente as horas de descanso eram dedicadas ao isolamento familiar e espiritual, seguindo os princípios dos modelos da cultura cristã. Poucas atividades eram realizadas a noite, permanecendo algumas delas restritas às igrejas e a algumas celebrações oficiais, realizadas à luz de velas nas áreas centrais da cidade. O ócio foi sendo adquirido somente com o aumento do tempo livre, o que ocorreu com a paulatina redução do tempo de trabalho, desobrigando de alguma forma a permanência nas fábricas nas horas de maior escuridão.

Alguns autores, como Maris Kurme (2009), assumem assim uma perspectiva que enxerga a noite como o tempo do não trabalho, pelo menos até o século XIX. Há evidências de que houve trabalho noturno desde os primeiros dias das cidades antigas como, por exemplo, as profissões ligadas à vigilância e à manutenção do lazer, que estavam presentes ainda nas grandes cidades imperiais romanas ou antes mesmo nas cidades gregas, dedicadas a manutenção de tavernas, hospedarias, prostíbulos etc. Por isso, a noite, antes de ser um tempo exclusivo para o repouso, foi também fundamentalmente um momento no qual algumas profissões surgiram. O ócio conquistado nas linhas de produção só se tornou importante para a vida noturna das cidades quando este trabalho passou a manter também atividades noturnas de lazer (Melbin, 1978; 1987). Portanto, o lazer noturno é fruto de um trabalho noturno, agora não mais ligado somente à produção ou à vigilância, mas também ao comércio e à oferta de serviços.

A noite, desobrigada de sua função fabril, tornou-se um momento para o lazer na cidade, em diversos estratos sociais, segundo a renda dos trabalhadores, a oferta de serviços e a localização na cidade. Bares, restaurantes, casas de espetáculos, teatros, serviços de transporte, cabarés e, entre estas, tantas outras atividades, passaram a fazer parte da vida noturna urbana. E, se antes existiam, tais atividades foram, com o passar dos séculos, se estendendo cada vez mais dentro da noite:

[...] outro importante passatempo noturno nas cidades era ir ao teatro. Até a Revolução Francesa, essa prática se relacionava principalmente a eventos da corte e, ainda durante o reinado de Luís XIV, as peças duravam das 16h00 às 19h00 da noite. No século XVIII, era comum começarem às 17h15 e terminarem por volta das 21h00, e só depois da Revolução elas começariam ainda mais tarde. Entre 1830 e 1868, o público parisiense costumava deixar a representação por volta das 22h00 e, na verdade, hoje em dia isso não mudou muito [...] (Kurme, 2009, p. 39, tradução nossa).

A vida noturna já nos momentos finais do século XIX se afirma como o momento de lazer cotidiano dos habitantes das grandes cidades. A oferta de serviços cresce de tal forma que as cidades passam a ter diversas atividades de entretenimento. Essas atividades mantêm as pessoas nas ruas até a madrugada e os serviços de transporte auxiliam no deslocamento para

as áreas residenciais. Esse processo bem documentado pelos interessados na história da cidade e da noite (Mumford, 1998; Palmer, 2000; Melbin, 1978, 1987; Ekirch, 2006; Otter, 2008) não seria possível sem se levar em conta o papel da iluminação do espaço público, não somente como garantia de segurança, mas como garantia de espetáculo. Para alguns autores, essas garantias proporcionaram a superação lenta de algumas mitologias urbanas e o rompimento da fronteira circadiana entre o dia e a noite.

A ideia de uma economia exclusivamente noturna

Apesar de ter adquirido significativa atenção, os estudos sobre o lazer no passado, ou melhor, sobre o processo de conquista da noite urbana pelo lazer, receberam um novo olhar a partir do momento em que se estabelece uma crítica aos seus fundamentos sociais. Esta crítica volta-se para o caráter segregador ou excludente de parcelas da população, dentro daquilo que foi chamado de economia noturna urbana. De forma bem resumida, a ideia central é demarcar uma nova fase de investimentos urbanos dirigidos, agora, para os antigos centros comerciais das grandes cidades que passaram por um período de relativa depreciação social e física. Nesse caso, o retorno ao centro é mobilizado por atividades ligadas ao período noturno, especialmente aquelas dedicadas ao lazer, à cultura e ao entretenimento, promovendo novas áreas reformuladas por projetos de recuperação urbana, conduzidos, em sua maioria, por meio de parcerias entre o poder público local, empresários do setor e associações comerciais e de moradores de classe média (Bianchini, 1995).

De modo geral, os autores adotaram a ideia de crise urbana como fator explicativo para esse deslocamento de prioridades, voltadas para as áreas centrais e para o período noturno. As questões são construídas a partir de pressupostos mais gerais da economia urbana mundial, ou seja, são questões que se dirigem para a relação entre diferentes escalas, o que envolve não só as razões locais (de cada cidade), mas principalmente o efeito das grandes mudanças econômicas em nível global sobre as cidades, especialmente em relação ao turismo. A ênfase aparece exatamente sobre o comércio varejista, o caráter consumista associado a tais projetos e as limitações dentro do quadro mais geral de desigual acesso aos serviços.

Em meio a essas análises há uma crítica sobre as formas desse consumo no mundo contemporâneo, especialmente quando se tem em conta o diagnóstico de crise. Em primeiro lugar, uma crise econômica que teria desacelerado o ritmo de crescimento dos países desenvolvidos nos anos 1970 e que teria atenuado o investimento privado nas cidades. Em segundo lugar, uma crise política, que poderia ser encontrada no novo papel do Estado e no surgimento de novas instituições políticas, ligadas a interesses de grupos sociais e novos atores políticos emergentes. Em terceiro lugar, uma crise urbana, na qual um acelerado processo de suburbanização ocorreria, ao mesmo tempo, em que houve um relativo esvaziamento dos centros urbanos. Segundo esse ponto de vista, as cidades no pós-guerra enfrentaram um processo de decadência caracterizado pela precarização das condições de moradia nas áreas centrais, pelo escapismo das elites urbanas e pelo recuo do espaço público, esvaziado de sua dimensão política (Dixon; Levine; McAuley, 2006). Ao mesmo tempo, a popularização dos bens de consumo, especialmente das tecnologias de telecomunicação, ligadas ao lazer privado, parece ter levado as pessoas a saírem menos de suas casas (Lovatt; O'Connor, 1995).

Portanto, podemos afirmar que as pesquisas sobre a economia noturna retomam a ideia de crise, explicando que a sua superação foi em parte garantida pelo investimento em atividades de lazer e de entretenimento (no terceiro setor), nas cidades e especialmente a noite. Dessa forma, a partir do fim da década de 1980, a economia noturna se transformou em uma forma de se apresentar o problema da desigualdade em relação ao lazer noturno. Apesar das diferentes abordagens sobre o tema, podemos perceber que há, assim, um percurso argumentativo similar àquele promovido pelos estudos sobre o planejamento urbano (ver Harvey, 2005). Vemos, por exemplo, que, segundo Lovatt e O'Connor (1995), a saída encontrada por algumas cidades foi reinvestir em aspectos relativos à cultura local, com forte apelo à renovação dos centros históricos:

A década de 1980 viu o reconhecimento gradual dessa mudança do papel da cultura na cidade (e em outros lugares). Governos locais, organizações artísticas, empresários, empresas e grupos importantes como a Câmara de Comércio, grupos comunitários, organizações de treinamento e, é claro, artistas locais começaram a criar coalizões fluidas, muitas vezes informais, em torno da elaboração de estratégias culturais (formais e informais) voltadas para a “regeneração” do centro da cidade e (esperançosamente) da cidade como um todo (Lovatt; O'Connor, 1995, p. 129, tradução nossa).

A partir da leitura desses textos observa-se que a década de 1980 seria o momento no qual se desenrola um processo de transformação nas grandes cidades em relação ao uso do período noturno como tempo útil para o turismo, o lazer e o entretenimento. Para Hollands e Chatterton (2003), as mudanças ocorridas tiveram relação com alterações mais gerais na forma de gestão, especialmente por meio de novas parcerias entre o setor público e a iniciativa privada, com destaque especial para um novo investimento nos centros urbanos. Este processo pode ser visto como um momento no qual a lógica industrial (produtiva) foi substituída pela lógica de mercado, apoiada na gestão empresarial do comércio e na prestação de serviços (Lovatt; O'Connor, 1995).

Em boa medida esse novo regime de controle se baseou em algumas ações como, por exemplo, o estabelecimento das horas de funcionamento do comércio, as restrições ao consumo de drogas lícitas no espaço público, a repressão ao consumo das drogas ilícitas e a criação de sistemas de monitoramento por câmeras. Essas medidas parecem ter auxiliado na organização das práticas sociais durante o período noturno e promovido um novo modo de operação urbana centrada na segregação dos usos. No limite, para autores como Deborah Talbot (2007), a cidade noturna foi pensada segundo um modelo fordista de controle que pretendia expulsar classes, raças e gêneros indesejados da convivência noturna.

O modelo de centro noturno desenvolvido, fortemente inspirado nos desejos da classe média, teria então se disseminado pelo mundo. A cidade “patrimonializada” (e iluminada) seria o modelo para a gestão urbana, sendo reproduzido em cidades como Lisboa e Coimbra (Alves, 2004), Paris e Lion (Narboni, 2004), Buenos Aires (Margulis, 1997), Rio de Janeiro (Mendonça, 2004) etc. A história de cada cidade teria sido assim recomposta como mercadoria, ou melhor, como ambiente para o consumo urbano, segundo uma agenda neoliberal de incentivo público ao crescimento de atividades privadas de lazer (Talbot, 2006). A solução encontrada

teria sido o estímulo ao investimento privado em áreas revitalizadas e em atividades de prazer hedonístico, especialmente voltadas ao consumo de bebidas alcoólicas (Hollands; Chatterton, 2003). A noite aparece, assim, como um momento de exclusão que tende a reproduzir e a acirrar os preconceitos já presentes na cidade diurna:

Em particular, apesar de a vida noturna ser historicamente um lugar para culturas “de fora” (assim como das principais culturas de consumo), em Southview, as forças combinadas de cultura, desenvolvimento econômico, licenciamento e policiamento produziram uma economia noturna importada e não orgânica, a qual exemplifica as forças higienizantes do consumismo de classe média que dominam a paisagem do centro da cidade (Talbot, 2006, p. 168, tradução nossa).

Em resumo, a explicação para o crescimento de uma economia noturna parece acompanhar alguns aspectos centrais:

1. um acelerado processo de desindustrialização com a realocação industrial fora das grandes cidades;
2. a revalorização dos centros urbanos e sua transformação em áreas mistas como centros de negócios durante o dia e centros de lazer durante a noite;
3. a ideia de competitividade entre cidades e a disputa entre elas para captar recursos estrangeiros por meio do turismo;
4. uma revalorização da ideia de cultura, com investimentos na história da cidade e na produção artística, especialmente com intervenções artísticas em áreas públicas “patrimonializadas”;
5. a criação de uma imagem de cidade vital, jovem e moderna, garantida por um forte aparato de controle urbanístico e civil.

Parece-nos que, apesar de significativas mudanças no foco das pesquisas emergirem, mantêm-se certos imaginários sobre a noite urbana, associando-a à ideia de transgressão normativa e espaço-tempo de maiores liberdades e criatividade. Há duras críticas ao caráter empresarial do lazer noturno e ao papel repressor do Estado, o qual parece imobilizar a experiência urbana em atividades de lazer e entretenimento noturno voltadas exclusivamente para o consumo. Nesse sentido, persiste a ideia de fronteira de Melbin. Estaríamos vivendo o período de estabilização da civilização noturna, com suas normas, valores e significações conservadoras? Ou será que a popularização da noite como tempo de lazer abriu um caminho para a expansão da economia noturna em novas frentes, com novos públicos e formas originais de sociabilidade?

A ideia de que a noite é habitada por um público jovem

Temos observado que nos estudos mais recentes sobre a noite urbana, a juventude tem sido um ponto de convergência. Ao discutir os impactos das mudanças na economia urbana, os jovens têm estado no centro de interesse dos cientistas sociais. Por um lado, observamos que há um empenho na discussão sobre a sociabilidade em áreas de lazer e de consumo. Por outro lado, essa sociabilidade aparece em alguns momentos como um meio de tensão que pode gerar violência ou redução do caráter público de algumas áreas das cidades, como observado por Robinson (2009). Podemos também dizer que existe uma tradição desses estudos há pelo

menos meio século, mesclando diversos interesses, desde a delinquência juvenil, na década de 1960, até os contextos domésticos e sua interface com as instituições transculturais na década de 1980 (Almeida; Tracy, 2003).

Em sua crítica aos estudos sobre a juventude, Robert Hollands (2002) aponta alguns dos caminhos seguidos pelos estudiosos do tema. Segundo ele, esses estudos tenderam a migrar de uma compreensão do jovem como formador de uma subcultura, seguindo os princípios de Stuart Hall e de seus companheiros do Centre for Contemporary Cultural Studies, para um conjunto de estudos que entendia os jovens como parte de um novo estilo de vida, assimilado como centro das intervenções culturais e econômicas na cidade, como os de Steve Redhead (1993) e de Sarah Thornton (1996). Além disso, Hollands ainda nos indica que outros autores buscaram abordagens diferentes, preocupando-se especialmente com o mundo do trabalho e com a economia noturna em sua relação ao lazer dos jovens, sendo assim entendida como uma cultura de transição, no limiar de entrada para a vida adulta. Deste último grupo de estudos podemos apresentar duas perspectivas centrais: a primeira dedicada ao estudo da relação entre consumo e juventude; e a segunda voltada para a compreensão das territorialidades juvenis.

Em muitos países, o impacto do consumo de drogas tem sido uma importante chave para compreender os problemas relacionados à vida noturna. Em certo sentido, as novas medidas de restrição ao uso de drogas acompanharam a mudança no perfil das atividades de lazer que se desenvolveram nas cidades, as quais passaram a estar vinculadas ao consumo de bebidas alcoólicas em ambientes privados ou no espaço público. Como indica Bianchini (1995), as áreas centrais se tornaram o referencial urbano dessa forma de consumo, justo porque adotaram uma forma de lazer voltado para o consumo em bares, casas de show, boates, restaurantes e toda sorte de estabelecimentos que ofertam entretenimento com bebidas alcoólicas.

Em geral, sociólogos e antropólogos, como Hobbs et al. (2000) têm visto este fenômeno de forma negativa, associando diretamente o aumento das taxas de criminalidade ao uso de drogas. A violência estaria, assim, associada ao estímulo ao consumo de bebidas alcoólicas, o qual afetaria as normas de convivência no espaço público. Sobre o crescimento da violência e do consumo de drogas, os pesquisadores têm observado um aumento significativo de investimento em aparatos de manutenção do controle dos comportamentos ilegais. Essa tentativa é significativa por parte do poder público, mas tem sido cada vez mais colocada pelo setor privado, por meio de guardas noturnos, câmeras de vigilância, iluminação especial etc.:

No entanto, os níveis de violência que atualmente estão envolvidos na economia noturna são consideráveis. Além disso, eles se relacionam em grande medida com a faixa etária mais agressivamente visada por forças que procuram explorar as oportunidades oferecidas por essa nova fronteira comercial. À medida que essa nova economia evolui, também são criadas novas formas de controle, como *bouncers*, segurança privada ou *doorstaff*, que são parte integrante do processo de incorporação que vem ocorrendo atualmente na economia noturna (Hobbs et al., 2000, p. 706, tradução nossa).

As razões para esse investimento na imposição de uma ordem adulta residem, entre outros fatores, na tentativa de se garantir um espaço público livre dos efeitos sociais do consumo de drogas (presença de bêbados e de usuários de outras drogas nas ruas). Segundo Dixon, Le-

vine e McAuley (2006), a visibilidade do espaço público aumenta o poder da imagem negativa dada aos usuários de drogas, reforçando a rejeição desse comportamento pelos outros usuários e “poluindo” a imagem da cidade com a ideia de um lazer pouco saudável:

Ao mobilizar esse tipo de discurso de transgressão de lugar, nossos entrevistados procuraram problematizar o consumo de bebidas na rua e justificar a necessidade de uma proibição. Alguns enfatizaram o impacto negativo que a bebida tem na impressão dos estrangeiros em relação à cidade. Nesse sentido, no Extrato 3 acima, encontramos um alerta de que a visão de “pessoas que têm latas nas mãos” pode deixar os visitantes com uma “imagem ruim da cidade”, uma avaliação que garante a afirmação dos entrevistados de que a proibição do álcool “sempre será” uma coisa boa (Dixon; Levine; McAuley, 2006, p. 200, tradução nossa).

Nos estudos que procuram relacionar a juventude à noite urbana notamos que também há uma preocupação com os circuitos, percursos e lugares que são vividos pelos jovens urbanos. No trabalho de Robinson podemos perceber alguns pontos que sinalizam para a tentativa de delimitar áreas e territórios da juventude, ainda que muito do seu esforço tenha sido construído sobre o problema do consumo de drogas. A espacialidade das práticas ou mesmo a materialidade das relações entre jovens no espaço parece ter um papel importante na compreensão da territorialidade e das diversas formas de sociabilidade que ocorrem durante a noite.

Para Mario Margulis (1997), a territorialidade jovem assume a característica de sobrepor ao espaço formal uma forma transgressiva de demarcação. A festa teria, assim, um papel subversivo, normalmente associado a um estilo musical, uma maneira de se vestir e de se comportar nas ruas. Esta forma de se apresentar nos espaços públicos transformaria a noite em um território jovem, excluindo outras pessoas de outras faixas etárias, como também é observado por Hobbs et al. (2003). Neste sentido, a cidade passaria a ser reapropriada pelos jovens, ou melhor, territorializada pelos jovens, os quais delimitam os lugares que se pode e os que não se pode ir. Dessa forma, os territórios jovens segmentariam a noite por meio de seus diferentes gêneros de consumo culturais: a discoteca, o *rock*, a *bailanta* e os “modernos”. A cada grupo estaria associado um tipo de localização, um padrão de dispersão no espaço urbano e um conjunto de comportamentos e estratégias.

Semelhante estratégia também foi notada por Nécio Turra Neto (2012) ao traçar as múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava, Paraná, associadas às cenas *punk* e do *hip hop*. A busca pelas territorialidades nesse caso também esteve articulada a um debate sobre a estrutura urbana e o processo de desenvolvimento econômico e urbano da cidade. Assim, as conexões em rede da cidade e a conformação de uma elite regional ajudam a situar as cenas culturais contemporâneas nesses novos ambientes de sociabilidade que surgem na cidade. A ideia de cena, muito cara para os jovens, especialmente àqueles ligados ao estilo musical e à cultura do *rock*, é inclusive explorada por Victor Vasconcellos (2012) ao tratar do *heavy metal* na cidade do Rio de Janeiro, apontando também os vínculos criados em rede e os lugares de sociabilidade desses jovens.

No caso da vida noturna do Rio de Janeiro, estudada por Maria Isabel de Almeida e Kátia Maria Tracy (2003), não se parte da variedade de grupos para se chegar a lugares específicos. As autoras tentam reconstruir os itinerários de um grupo mais específico de jovens de classe

média da Zona Sul (e da Barra da Tijuca) da cidade em busca da variedade de sua manifestação espacial. As autoras, a partir de um trabalho metodológico que mescla os fundamentos da etnografia com a análise textual de natureza semiótica, buscaram se inserir no universo jovem a partir da dimensão do lazer noturno. Dessa forma, a noite adquiriu o aspecto de um tempo que se tornou um espaço. A noite seria um lugar, no sentido que incorporaria um significado de manifestação espacial vinculado à confluência de trajetórias. Diferentemente de Margulis (1997), elas encontraram roteiros de circulação na noite desse grupo de jovens e não lugares específicos e mais permanentes. A *night* carioca parecia, assim, apresentar um desenho mais confuso e difícil de ser estabelecido, ou em suas palavras, a noite seria um terreno liso, no qual os jovens constroem as suas próprias trajetórias em busca do prazer (da zoação e da azaração).

No artigo de Lilian de Lucca Torres (2000), também notamos que o lugar do estudo, o bairro do Bexiga, em São Paulo, foi compreendido a partir da ideia de lazer, compreendendo as diversas formas de sua apreciação pelos frequentadores. Os bares estiveram no centro da atenção do trabalho etnográfico, sendo recuperados como lugares de sociabilidade e ligados à noite paulistana. Segundo os resultados apresentados pela autora, o espaço físico é um componente fundamental para a sociabilidade noturna, principalmente ao transmitir a sensação de núcleo, de proximidade entre as diferentes “tribos”. Além disso, a localização dos bares, “às portas da rua”, permitia a observação do movimento e da circulação de pessoas, facilitando o contato entre os frequentadores. Um dos aspectos fundamentados apresentado por Torres foi a importância do ato de ver e ser visto. Nesse sentido, o lazer no Bexiga se caracteriza pelo passeio, pelo ato de circular pela noite nos bares do bairro, o que se assemelha aos estudos citados acima. A espacialidade torna-se então um ponto crucial da análise, pois é reorientada para o lazer e, ao mesmo tempo, reorientadora da forma pela qual este lazer pode se realizar.

O estudo das estratégias espaciais é ainda uma muito recente tentativa de se criar um novo olhar sobre a vida noturna, ou seja, sobre as práticas sociais e os lugares de sua manifestação. É preciso notar o caráter experimental de algumas tentativas como aquelas lançadas por Turra Neto (2011), Góis (2011, 2017) e Souza (2014) em suas iniciativas metodológicas voltadas para interpretar os significados relacionados à vida noturna jovem. De certo modo, essas iniciativas encerram duas tradicionais formas de entrada no tema: (a) uma que tenta compreender as relações sociais noturnas partir dos grupos culturais, suas rotinas e roteiros; e (b) uma que se concentra nas características de um lugar e que a partir disso tenta criar uma ordem de grupos no espaço. Para esclarecer, a primeira abordagem parte dos grupos para chegar aos lugares de manifestação de sua sociabilidade e de sua identificação; a segunda abordagem parte do lugar e tenta compreender a divisão entre grupos no espaço. Em todo caso, os estudos acima descritos apontam uma compreensão da sociabilidade a partir de questões que tenham em conta a espacialidade das áreas apropriadas pelas ações de grupos.

Considerações finais

A título de considerações finais, é preciso reafirmar o caráter provisório desta iniciativa. A expectativa era abordar um problema a partir de um pequeno número de publicações que, em meio a sua variedade temática, apresentasse a noite como um tema para se pensar o urbano. Em certo sentido, a variedade temática absorve três dimensões fundamentais para a

pesquisa nas Ciências Sociais, em geral, e na Geografia Humana, em particular: a dimensão dos lugares como espaços ocupados por intervenções físicas e imaginários sociais associados à noite, o que tem sido cada vez mais importante para o debate e as políticas públicas sobre o urbano; a dimensão do público que frequenta, ocupa e se apropria do espaço para suas práticas sociais, ainda que mediadas por regras e contextos particulares a cada lugar; e a dimensão dos comportamentos sociais, sempre orientados por regras, agrupamentos, relações e conflitos sociais, mas também inscritos, fundamentalmente, em um contexto espacial.

Em meio a tamanha variedade, observamos uma paisagem urbana noturna com múltiplas facetas e possibilidades de interpretação. Em primeiro lugar, uma variedade cultural associada aos costumes, valores, sentidos e manifestações espaciais dessas culturas, as quais podem ser apreendidas em termos de suas territorialidades, circuitos e lugares de apresentação. Em segundo lugar, uma dispersão de caráter econômico relacionada à dinâmica comercial e de serviços ligados ao lazer urbano durante a noite e, em consequência, ao trabalho noturno e a sua organização em termos de redes, sistemas e hierarquias urbanas. Em terceiro lugar, uma grande complexidade política das regulamentações de uso, das orientações de comportamento, das demandas de grupos sociais por lugares e das mais variadas estratégias espaciais de consumo do espaço noturno. Por fim, restam as questões de ordem social vinculadas aos espaços públicos e à defesa do direito à cidade, em suas implicações diretas sobre a acessibilidade, a segurança e a mobilidade durante o período noturno.

São muitos caminhos que se abrem para pensar a noite urbana. Este breve artigo é apenas um apanhado de tamanha diversidade. É uma tentativa de observar uma ordem em meio a essa multiplicidade, no intuito de se construir uma agenda de pesquisa, especialmente para os interessados nos estudos sobre as cidades brasileiras, ainda carentes de reflexões sobre a história, o planejamento e a cultura da noite.

Referências

- ALMEIDA, M. I. M.; TRACY, K. M. A. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ALVES, T. Geografias da noite: fazer geografia através da luz. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GEÓGRAFOS, 5., 2004, Guimarães. **Anais...** Guimarães: Universidade do Minho, 2004.
- BALDWIN, P. C. In the Heart of Darkness: blackouts and the social geography of lighting in the gaslight era. **Journal of Urban History**, v. 30, n. 5, p. 749-768, July 2004.
- BIANCHINI, F. Night Cultures, Night Economies. **Planning Practice and Research**, v. 10, n. 2, p. 121-126, 1995.
- BUREAU, L. **Géographie de la Nuit**. Montréal, Québec: Hexagone, 1997.
- CRESSWELL, T. Night Discourse: producing/consuming meaning on the street. In: FYFE, N. R. (Ed.). **Images of the Street**: planning, identity and control in public space. London/New York: Routledge, 1998. p. 268-279.

- DEWDNEY, C. **Acquainted With The Night**: excursions through the world after dark. New York/London: Bloomsbury, 2005.
- DIXON, J.; LEVINE, M.; MCAULEY, R. Locating impropriety: street drinking, moral order, and the ideological dilemma of public space. **Political Psychology**, v. 27, n. 2, p. 187-206, 2006.
- EKIRCH, A. R. **At Day's Close**: night in times past. New York: W. W. Norton, 2006.
- GALLAN, B.; GIBSON, C. New Dawn or New Dusk? beyond the binary of day and night. **Environment and Planning A**, v. 43, n. 11, p. 2509-2515, 2011.
- GÓIS, M. P.F. **Paisagens luminosas e cenários noturnos**: formas, práticas e significados da noite na cidade do Rio de Janeiro. Niterói: Eduff, 2017.
- GÓIS, M. P.F. Luzes na cidade: sobre as paisagens luminosas e os cenários noturnos da cidade do Rio de Janeiro. **Espaço Aberto**, v. 1, n. 2, p. 117-128, jul. 2011.
- GWIAZDZINSKI, L. **La Nuit, Dernière Frontière de la Ville**. La Tour-d'Aigues: Éd. de l'Aube, 2005.
- GWIAZDZINSKI, L. La Nuit, Dernière Frontière. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, v. 87, n. 1, p. 81-89, sept. 2000.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HOBBS, D.; LISTER, S.; HADFIELD, P.; WINLOW, S. **Bouncers**: violence and governance in the night-time economy. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- HOBBS, D.; LISTER, S.; HADFIELD, P.; WINLOW, S.; HALL, S. Receiving Shadows: governance and liminality in the night-time economy. **The British Journal of Sociology**, v. 51, n. 4, p. 701-717, 2000.
- HOLLANDS, R. Divisions in the Dark: youth cultures, transitions and segmented consumption spaces in the night-time economy. **Journal of Youth Studies**, v. 5, n. 2, p. 153-171, 2002.
- HOLLANDS, R.; CHATTERTON, P. Producing Nightlife in the New Urban Entertainment Economy: corporatization, branding and market segmentation. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 27, n. 2, p. 361-385, 2003.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Edusp/ Perspectiva, 1971.
- KOSLOFSKY, C. **Evening's Empire**: a history of the night in early modern Europe. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2011.
- KURME, M. **Urban Night**. Tesis (Master in Urban Studies) – Estonian Academy of Arts, Tallinn, EE, 2009. Acesso em: <http://www.urbanistika.ee/docs/greenlight2009/MK-greenlight.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2018.
- LOVATT, A.; O'CONNOR, J. Cities and the Night-time Economy. **Planning Practice and Research**, v. 10, n. 2, p. 127-134, 1995.

- MARGULIS, M. **La cultura de la noche**. Buenos Aires: Biblos, 1997.
- MCQUIRE, S. Immaterial Architectures Urban Space and Electric Light. **Space and Culture**, v. 8, n. 2, p. 126-140, May 2005.
- MELBIN, M. **Night as Frontier**: colonizing the world after dark. New York; London: Free Press & Collier Macmillan, 1987.
- MELBIN, M. Night As Frontier. **American Sociological Review**, v. 43, n. 1, p. 3-22, Feb. 1978.
- MENDONÇA, L. L. **Reflexos da cidade**: a iluminação pública no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2004.
- MONT SERRAT, B. S. B. V. **Iluminação cênica como elemento modificador dos espetáculos**: seus efeitos sobre os objetos de cena. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NARBONI, R. **Lighting the Landscape**: art design technologies. Basel/Boston: Birkäuser, 2004.
- OTTER, C. **The Victorian Eye**: a political history of light and vision in Britain, 1800-1910. Chicago: University of Chicago Press, 2008.
- PALMER, B.D. **Cultures of Darkness**: night travels in the histories of transgression. New York: Monthly Review Press, 2000.
- PAQUOT, T. Le sentiment de la nuit urbaine aux XIXe et XXe siècles. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, v. 87, n. 1, p. 7-14, sept. 2000.
- REDHEAD, S. **Rave Off**: politics and deviance in contemporary youth culture. Avebury: Aldershot and Brookfield, 1993.
- ROBINSON, C. Nightscapes and Leisure Spaces: an ethnographic study of young people's use of free space. **Journal of Youth Studies**, v. 12, n. 5, p. 501-514, Oct. 2009.
- RUSSELL, B. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- SCHIVELBUSCH, W. **Disenchanted Night**: the industrialization of light in the nineteenth century. Berkeley: University of California Press, 1995.
- SOUZA, A. F. **Lapa**: um lugar central para a sociabilidade noturna. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- TALBOT, D. **Regulating the Night**: race, culture and exclusion in the making of the night-time economy. London: Ashgate, 2007.
- TALBOT, D. The Licensing Act 2003 and the Problematization of the Night-time Economy: planning, licensing and subcultural closure in the UK. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 30, n. 1, p. 159-171, 2006.

- THORNTON, S. **Club Cultures:** music, media, and subcultural capital. Cambridge/Oxford: Polity Press/Blackwell, 1996.
- TORRES, L. L. Programa de paulista: lazer no Bexiga e na avenida Paulista com a rua da Consolação. In: MAGNANI, J. G.; TORRES, L. L. (Org.). **Na metrópole:** textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000. p. 54-87.
- TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis:** territórios e rede de sociabilidade. Jundiaí: Paco, 2012.
- TURRA NETO, N. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **RA'E GA – o Espaço Geográfico em Análise**, v. 23, p. 340-375, 2011.
- VASCONCELLOS, V. M. B. **A geografia do subterrâneo:** um estudo sobre a espacialidade das cenas de *heavy metal* no Brasil. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- WILLIAMS, R. Night Spaces Darkness, Deterritorialization, and Social Control. **Space and Culture**, v. 11, n. 4, p. 514-532, Nov. 2008.